

Gênero, raça e classe dos eleitores jovens conservadores e progressistas

DOI: <https://doi.org/10.14244/agenda.2023.3.5>

 **Olivia Cristina Perez**

Doutora em Ciência Política e mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta na Universidade Federal do Piauí (UFPI) vinculada aos cursos de bacharelado e mestrado em Ciência Política e ao programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Políticas Públicas. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

E-mail: oliviaperez@ufpi.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9441-7517>

114

 **Rogério de Oliveira Araújo**

Doutorando em Políticas Públicas e mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduado em Ciências Sociais, pela UESPI. Professor de sociologia e história na educação básica do Piauí.

E-mail: rogeroliveira373@outlook.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0617-3856>

RESUMO: A pesquisa analisa o perfil das juventudes conservadoras e progressistas, considerando as diferenças entre elas. Para tanto, sistematizamos dados dos bancos do TSE e do survey eleitoral ESEB de 2022, considerando as variáveis: faixa etária, gênero, raça e classe socioeconômica. Os resultados mostram que as juventudes são predominantemente progressistas, principalmente entre os mais jovens, embora o percentual de conservadores seja relevante. Esses últimos merecem atenção, pois pertencem a grupos com mais dificuldade de acesso a direitos, a saber: homens, pardos e com menor renda.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes; Eleições; Conservadores; Progressistas.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

1 Introdução

No começo do ano de 2022, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) começou a divulgar dados que apontavam para o declínio do interesse do eleitor jovem pela votação. Para estimular o envolvimento das juventudes com o processo eleitoral, o TSE, juntamente com os Tribunais Regionais Eleitorais, desenvolveu campanhas, a exemplo do Jovem Eleitor, “Bora Votar!” e a Semana do Jovem Eleitor (TSE, 2022). A mobilização para atrair o voto dos jovens contou ainda com fortes apoios da sociedade civil, dentre os quais destacamos o envolvimento de artistas e influenciadores digitais. Como resultado, houve um crescimento de 51% no grupo de jovens entre 16 e 17 anos com intenção de votar (TSE, 2022).

Tanto interesse pelo voto entre os jovens têm relação com uma esperança de que a democracia será consolidada com o seu envolvimento. Mas também existe uma percepção de que as juventudes são em sua maioria progressistas e, portanto, poderiam fazer a diferença na campanha de 2022, ajudando a eleger o candidato mais à esquerda no espectro político e ideológico. Por outro lado, as juventudes também têm sido tema de reflexões dado a ascensão de jovens que defendem pautas mais à direita, a exemplo daqueles que compõem o Movimento Brasil Livre (MBL).

Considerando o destaque que as juventudes tiveram nas eleições de 2022, a presente pesquisa se concentra em investigar o comportamento político dos jovens nas últimas eleições nacionais, respondendo à dúvida se eles são, em sua maioria, progressistas ou conservadores. Mas a pesquisa vai além. Ciente das diferenças entre as juventudes, analisamos o perfil de jovens progressistas e conservadores considerando as diferenças etárias, de gênero, raça e classe socioeconômica.

A pergunta que guia a pesquisa é: qual o perfil dos jovens eleitores progressistas e conservadores? Partimos da hipótese de que dentro desses dois grupos há diferenças considerando gênero, raça e classe social. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa é diferenciar as juventudes conforme seus posicionamentos políticos e ideológicos (progressistas e conservadores) e o perfil de cada grupo considerando as clivagens de gênero, raça e classe social.

A perspectiva teórica aqui adotada considera a juventude como uma noção dinâmica pautada sob condições sociais e culturais historicamente construídas de modo situado e relacional (Vommaro, 2015). Nesse sentido, as juventudes não podem ser apenas delimitadas conforme a sua faixa etária e de modo estanque. No entanto, para fins práticos, o presente trabalho utiliza a faixa etária para a análise dos dados eleitorais (adotamos classificações oficiais, em que jovens são aqueles indivíduos entre 16 e 29 anos, adultos teriam idade entre 30 e 59 anos e idosos são classificados como aqueles com 60 anos ou mais).

Ainda em relação à definição das juventudes, não as entendemos como um bloco homogêneo. Compreendemos que as juventudes são diversas entre si e clivagens sociais como raça, gênero, e classe social impactam no modo como as juventudes se constroem e se expressam (Araújo; Perez, 2023). Ciente da diversidade das juventudes, optamos neste trabalho por denominá-las sempre no plural. Além disso, o trabalho investiga a diferença entre elas, especificamente considerando as variáveis de gênero, raça e classe.

O interesse pelo posicionamento político das juventudes e o quanto elas podem impactar nas sociedades contemporâneas perpassa os estudos clássicos sobre elas. Por exemplo, Melucci (2001) propõe que, pelo fato de estarem ingressando na sociedade, os jovens tendem a revelar, antes das demais faixas etárias, as tendências de transformações sociais em curso. Logo, a abordagem de Melucci (2001) pressupõe uma juventude essencialmente revolucionária.

Ainda retomando os autores clássicos, Mannheim (1986), sem negar o viés revolucionário da juventude, destaca que o comportamento político dos jovens não caminha apenas nesse sentido, mas também pode assumir orientações conservadoras. Mannheim (1986) reforça essa concepção especialmente ao definir o que seria o conservadorismo, compreendido por ele enquanto estilo de pensamento que congrega uma forma de reação às mudanças sociais e que tem na arena política seu palco principal de manifestação.

Já os estudos sobre as juventudes mais recentes têm versado sobre a relação dos jovens com a política institucional, em especial com os partidos políticos (Araújo; Perez, 2021; Santos; Schmidt, 2023). Dentro dessa linha já se sabe que, embora as juventudes possam rejeitar a forma como a política é exercida dentro dos partidos, por conta do excesso de hierarquias e pouca possibilidade de participação efetiva, elas não deixam de se mobilizar politicamente, a exemplo do crescimento de organizações do tipo coletivos (Perez, 2019). O crescimento dos coletivos mostra demandas por parte das juventudes no sentido de que as instituições políticas sejam mais horizontais e inclusivas.

No contexto mais recente de crescimento das chamadas novas direitas, uma parte importante dos trabalhos do campo tem pontuado o viés conservador das juventudes (Weller; Bassalo, 2020; Severo; Barcellos, Gomes, 2023) desconstruindo certa associação automática entre elas com posicionamentos mais à esquerda. Esses temas - envolvimento das juventudes com a política institucional e posicionamentos mais à direita - também mobilizam o presente trabalho, que contribui com o campo mostrando diferenças entre as juventudes progressistas e conservadoras em relação ao gênero, raça e classe socioeconômica dos jovens eleitores.

Metodologicamente, a presente pesquisa faz análises estatísticas descritivas de dados coletados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB) em sua aplicação de 2022. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE), além de responsável pelas eleições brasileiras, também disponibiliza dados gerais sobre o perfil do eleitorado e resultados das eleições. Neste último banco, utilizamos os dados sobre o eleitorado apto a votar nas eleições nacionais de 2022. Já o ESEB pode ser descrito como um *survey* aplicado periodicamente nas eleições nacionais brasileiras, oferecendo dados sobre cultura política e voto dos eleitores (CESOP, 2023). Dele coletamos dados sobre o posicionamento político das juventudes, bem como gênero, raça e renda. Para definir a classe socioeconômica, consideramos a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que divide as classes sociais em 5 categorias básicas, segundo a renda familiar mensal: Classe A (acima de 20 salários mínimos), Classe B (de 10 a 20 salários mínimos), Classe C (de 4 a 10 salários mínimos), Classe D (de 2 a 4 salários mínimos) e Classe E (até 2 salários mínimos).

O objetivo central da pesquisa é mostrar as diferenças das juventudes (de 16 a 29 anos), considerando o posicionamento político e ideológico dos jovens, especificamente se são conservadores ou progressistas. Para delimitar conservadores e progressistas assumimos pressupostos teóricos de Mannheim (1986), Lynch (2017) e Mercadante (1980) que compreendem o conservadorismo enquanto movimento de reação às tendências progressistas, conectado, no contexto brasileiro, ao cristianismo. Desse modo, definimos conservadores aqueles que se posicionaram ideologicamente ao centro ou à direita, rejeitando assim a esquerda, bem como se identificando enquanto cristãos contrários à legalização do aborto. Os progressistas foram delimitados enquanto aqueles que se identificam mais à esquerda e concordam total ou em parte com a legalização do aborto.

Agregamos os indivíduos que se identificam ideologicamente ao centro no recorte conservador tendo em vista que na pauta dos costumes estes tendem a se aproximar da direita (Tarouco; Madeira, 2013). Além disso, estudos sobre polarização política destacam que no contexto brasileiro tem ocorrido um esvaziamento do centro político e um avanço da direita (Fuks; Marques, 2022). Fuks e Marques (2022) destacam que a esquerda obteve um crescimento tímido entre 2002 e 2018, enquanto a direita cresceu de 28 para 43% e o centro que estava em progresso até 2014 estagnou.

O trabalho contribui com o campo das juventudes ao mostrar o quanto elas são predominantemente progressistas, embora o número de conservadores seja relevante. Dentre os conservadores há o predomínio de homens pardos pertencentes à classe socioeconômica E. Esses resultados devem servir de alerta para o quanto os posicionamentos à direita ressoam sobre grupos mais sujeitos a opressões sociais. Nesse sentido, ressaltamos a importância de políticas públicas que garantam o acesso a direitos para esses grupos.

2 Resultados e discussão

Para mostrar a importância dos eleitores jovens nas eleições, a Tabela 1 apresenta o eleitorado brasileiro apto a votar por faixa etária no ano de 2022. Os dados estão disponibilizados no site oficial do Tribunal Superior Eleitoral. A Tabela 1 também elenca diversas faixas etárias dos jovens, com a intenção de mostrar a importância do voto facultativo entre eleitores de 16 a 17 anos. Para fins comparativos, reproduzimos os dados referentes ao número total e percentual de adultos e idosos que votaram nas eleições de 2022.

Tabela 1 - Eleitorado por faixa etária

Geração	Faixa etária	Total	Percentual
Jovens	16 anos	815.063	24%
	17 anos	1.301.718	
	18 anos	2.060.846	
	19 anos	2.370.336	
	20 anos	2.610.996	
	21-24 anos	12.321.272	
	25-29 anos	15.943.517	

Adultos	30-59	86.136.835	55%
Idosos	60+	32.891.438	21%

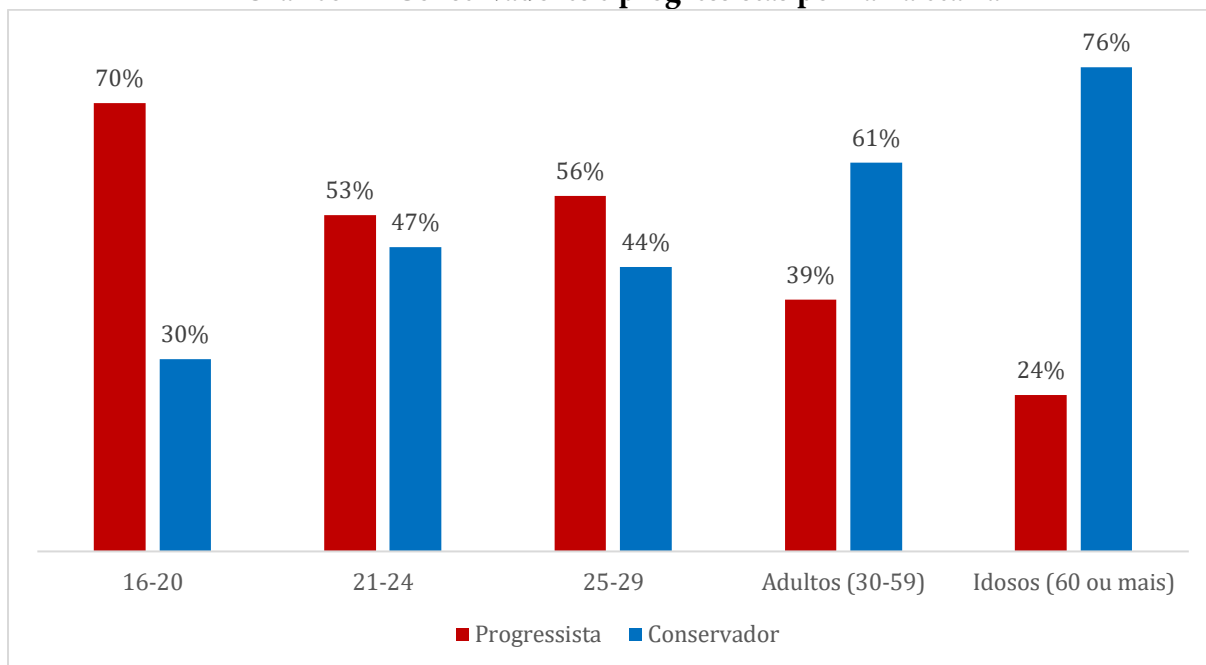
Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do TSE.

Conforme a Tabela 01, os jovens entre 16 e 29 anos somam 24% do eleitorado brasileiro, ou seja, quase um quarto do total de eleitores em 2022. Os adultos constituem a maioria do eleitorado apto a votar em 2022, totalizando pouco mais de 86 milhões, ou 55%. Por fim, os idosos de 60 anos ou mais representam 21% dos possíveis votantes. Importa destacar que, dos 16 aos 17 anos, o voto é facultativo, não incorrendo em nenhuma punição caso o indivíduo se abstenha. Nessa faixa, os jovens somam 2.116.781. Apesar de parecer pouco, tal número é próximo da diferença que definiu a eleição de 2022, na qual o agora presidente Lula venceu com uma vantagem de apenas 2.138.454 de votos (Nascimento, 2022). Ou seja, o voto dos jovens pode fazer a diferença nas eleições.

Esses dados ajudam a explicar o interesse das campanhas de 2022 para que os jovens votassem, em especial para que aqueles entre 16 e 17 anos, idades em que o voto é facultativo. O estímulo ao voto dos eleitores menores de 18 anos foi pauta de campanhas movidas pelo TSE diante de um cenário de baixa emissão de títulos eleitorais (no início de 2022, o TSE divulgou dados que apontavam para o declínio do interesse do eleitor jovem na votação, que passou de 4 milhões para menos de 900 mil pessoas em 10 anos). Essas campanhas acabaram repercutindo na mídia e um dos pontos altos da mobilização foi o “tuitaço” do dia 16 de março de 2022, que contou com a participação dos perfis no Twitter do TSE, dos Tribunais Regionais Eleitorais (TREs), de organizações da sociedade civil e de instituições públicas e privadas (TSE, 2023).

Como resultado, no final de 2022 havia 2.116.781 de eleitoras e eleitores entre 16 e 17 anos aptos a votar nas urnas eletrônicas, representando mais de 1,3% do total do eleitorado nacional. Houve um crescimento de 51% de futuros votantes quando comparado com o ano de 2018, quando essa faixa etária somava 1,4 milhão de votantes (0,95% do total). Apenas em março de 2022, no ápice da campanha das mídias, 290 mil adolescentes tiraram o título, um aumento de 45% em relação ao mês anterior (G1, 2022). Esses dados mostram sinais positivos em relação ao interesse dos jovens pela política, a despeito de uma certa percepção no senso comum de que os jovens não se interessam pelo tema.

Também há, no senso comum, uma certa percepção de que os jovens são progressistas, em que pese líderes políticos jovens à direita tenham despontado nos últimos anos. Para testar essa percepção, separamos os jovens progressistas dos conservadores no Gráfico 1. Como o objetivo da pesquisa também é mostrar a diferença das juventudes conforme a faixa etária, considerando a divisão proposta pelo TSE, agregamos os jovens nas faixas de 16-20, 21-24 e 25-29 anos. Por fim, para mostrar as diferenças entre os posicionamentos conservadores e progressistas na sociedade, incluímos no Gráfico 1 o posicionamento dos adultos (entre 30 e 59 anos) e idosos (60 anos ou mais).

Gráfico 1 - Conservadores e progressistas por faixa etária

Fonte: Elaboração dos autores com base no ESEB 2022.

119

O Gráfico 1 mostra um panorama dos conservadores e progressistas no eleitorado brasileiro. A faixa dos jovens com menor idade (16-20 anos), possui a maior proporção de indivíduos progressistas, com 70%, frente a 30% de conservadores. Avançando para a faixa dos 21 a 24 anos, o percentual de conservadores e progressistas é mais similar: 53% são progressistas e 47% de conservadores. No recorte de 25 a 29 anos, a maioria dos jovens é progressista com 56%, já os conservadores somam 44%. Enquanto os jovens em todas as faixas etárias são em sua maioria progressistas, tanto os adultos quanto os idosos são, em sua maioria, conservadores.

Existe uma certa percepção de que as juventudes são progressistas – ideia essa baseada e referendada por um dos principais teóricos do campo. Segundo Melucci (2001), a juventude se constitui em uma fase na qual os atores ainda estão em processo de integração às regras sociais e por isso tendem a ter mais facilidade de assimilar mudanças culturais, políticas e sociais em curso. Nesse sentido, um caráter específico das juventudes seria o comportamento mais progressista. Essa percepção guiou algumas mobilizações pelo voto dos jovens em 2022, que apostavam que eles poderiam ajudar a eleger o candidato mais à esquerda.

Os dados do Gráfico 1 mostram que essa percepção que associa juventudes com progressismo está correta. No entanto, como pontuamos em diversos trechos deste trabalho, é necessário considerar as diferenças entre as juventudes. Os jovens mais progressistas são aqueles na faixa de 16 a 20 anos. Ou seja, os jovens são em sua maioria progressistas, mas há diferenças entre eles considerando a idade: o predomínio de progressistas se concentra nos jovens que têm entre 16 e 20 anos.

O caráter mais progressista dos jovens entre 16 e 20 anos tem relação com vários fatores, dentre os quais destacamos um envolvimento desses grupos com movimentos estudantis. Desde junho de

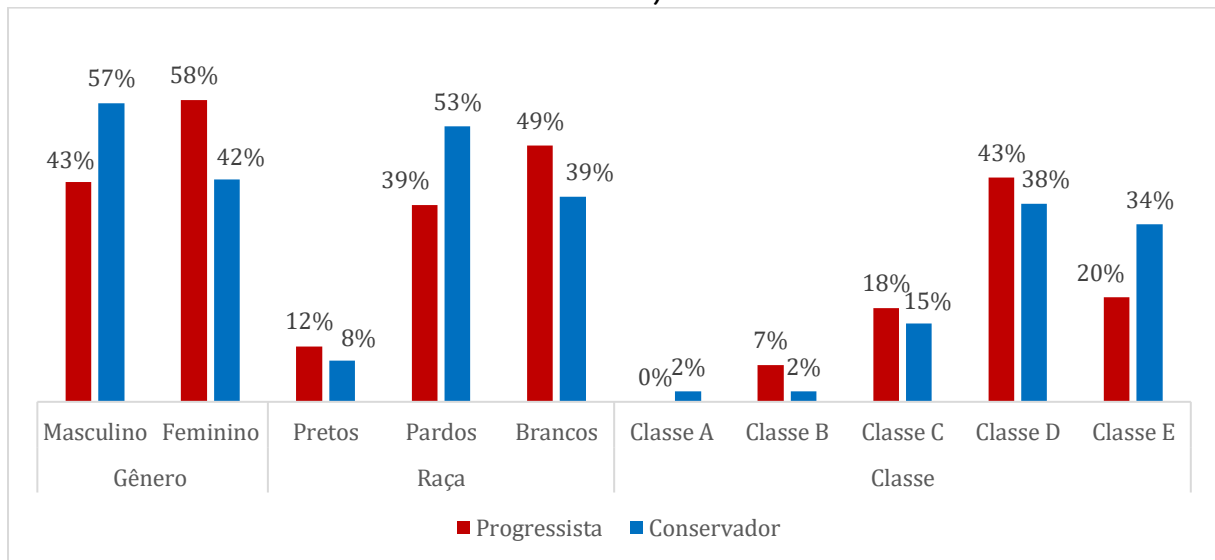
2013 proliferaram organizações políticas do tipo coletivos (Perez, 2019) tanto nas escolas de ensino médio quanto nas universidades. Os coletivos são organizações formadas por jovens que querem organizações mais inclusivas em que mulheres, negros, pobres e população LGBTQIA+ possam de fato participar das decisões políticas. Nesse sentido, são organizações em sua maioria progressistas que tem impulsionado a discussão sobre inclusão no sistema de educação.

Considerando o caráter mais progressistas desses jovens entre 16 e 20 anos, acertaram as mobilizações para as eleições de 2022 que focaram nos jovens entre 16 e 18 anos apostando que eles poderiam ajudar a eleger o candidato mais à esquerda. De fato, dentre todos os jovens, era essa faixa etária que poderia fazer a diferença.

Já entre os jovens de 20 a 29 anos, apesar da maioria progressista, chama a atenção a diferença muito menor em relação aos conservadores (a partir dos 21 anos, a diferença entre progressistas e conservadores não ultrapassa 12%). Logo, esses dados desconstruem certo senso comum que associa as juventudes ao progressismo de forma monolítica, desconsiderando as nuances entre elas. Mesmo entre os jovens, o conservadorismo já se constitui como uma força política que rivaliza com a perspectiva progressista, como apontam estudos no campo das juventudes (Weller; Bassalo, 2020; Severo; Barcellos, Gomes, 2023).

Para a compreensão desses dados é importante considerar que os jovens a partir da faixa de idade dos 21 aos 29 anos comumente se encontram imersos nas dinâmicas do trabalho, já possuem núcleo familiar próprio, possuindo um estilo de vida e cultura política mais próxima dos adultos (Araújo, 2021). Por fim, o Gráfico 1 revela que quanto mais idade, maior a tendência ao conservadorismo: 61% de adultos são conservadores e apenas 39% progressistas, enquanto os idosos tem a maior faixa de conservadores, 76% ante 24% de progressistas.

De modo a pormenorizar as semelhanças e diferenças entre jovens de 16 a 29 anos conservadores e progressistas, no Gráfico 2 dispomos o perfil dos jovens considerando gênero, raça e classe socioeconômica. Por conta das limitações do *survey* ESEB de 2022, restringimo-nos a diferenciar somente entre os gêneros masculino e feminino, desconsiderando outras formas de classificações que o banco de dados não apresenta. Já em relação à questão racial, devido ao baixo número das demais etnias e raças, assumimos somente a tríade pretos, pardos e brancos. Por fim, considerando a perspectiva de classe segundo renda familiar a partir dos critérios da Abep e do IBGE, categorizamos os jovens em cinco classes sociais, de A a E.

Gráfico 2 - Perfil dos jovens de 16 a 29 anos conservadores e progressistas (gênero, raça e classe)

Fonte: elaboração dos autores com base no ESEB 2022.

O Gráfico 2 apresenta o perfil dos jovens eleitores conservadores e progressistas. No primeiro recorte temos diferenças em relação ao gênero, sendo que os homens somam 57% de conservadorismo e 43% de progressistas, enquanto as mulheres são 58% de progressistas e 42% de conservadoras. Já entre os conservadores, os pretos somam 8%, pardos 53% e brancos 39%. Considerando a classe, os conservadores representam: 2% na classe A, na classe B também 2%, na classe C 15%, na D 38% e na classe E 34%. Progressistas se dividem entre as classes sociais do seguinte modo: classe A 0%, classe B 7%, classe C 18%, classe D 43% e classe E 20%.

Detalhando melhor, considerando a perspectiva do gênero, o eleitorado jovem apresenta um posicionamento oposto entre homens e mulheres. Enquanto os homens se posicionam com mais força dentro do conservadorismo, as mulheres se constituem como o gênero mais progressista. Ou seja, a maior parte dos jovens progressistas são mulheres.

O posicionamento mais progressista entre as mulheres pode ser explicado pelas conquistas e avanços dos movimentos feministas que se alastraram nos últimos anos (Perez; Ricoldi, 2023). As mulheres foram protagonistas do maior protesto feminista do Brasil em 2018, conhecido como #EleNão, contra a possível eleição do candidato que contemporaneamente é o maior representante dos ideais conservadores na política brasileira: o ex-presidente Jair Bolsonaro (Perez; Moura; Bandeira, 2023). Por conta dessas construções, em especial via movimentos sociais, as mulheres representaram um importante obstáculo ao avanço dos ideais conservadores.

Em uma perspectiva relacional, os posicionamentos progressistas incentivam a reação conservadora. Conforme Mannheim (1986), os conservadores tendem a rejeitar mudanças estruturais na sociedade. Nesse sentido, é possível entender o posicionamento mais conservador por parte dos homens, que tentam conservar seus privilégios, diante dos avanços dos ideais pela igualdade pregados pelos feminismos.

Na perspectiva racial os dados nos revelam um posicionamento mais progressista das jovens brancas, enquanto a maior expressão de conservadorismo fica entre os jovens pardos. Esses dados precisam ser lidos à luz das características demográficas e socioeconômicas da sociedade brasileira. Em primeiro lugar, as pessoas pardas constituem grande parte da população brasileira, especialmente entre os estratos mais pobres (Cavallini, 2022). Dessa forma, pretos e pardos se encontram em ambientes onde o acesso aos direitos sociais não acontece como deveria, restando a esse estrato o suporte material e existencial, ofertado pelas religiões, em especial o evangelismo que tem avançado pelas periferias (Cunha, 2017). Assim, a religiosidade cristã e a percepção da política como esfera do abandono e da incerteza são fatores que ajudam a explicar o rechaço aos ideais progressistas.

A leitura do conservadorismo a partir do recorte racial está conectada com a análise da classe social. Dessa forma, temos entre os jovens da elite econômica a ausência de progressistas, sendo que na classe D os progressistas alcançam seu maior percentual. Já os conservadores caminham próximos dos progressistas nas classes C e D, mas os ultrapassam na classe E. Temos então um dado relevante ao notar que o conservadorismo é mais forte entre as pessoas de renda mais baixa, enquanto as classes trabalhadoras (D) e média (C) possuem uma presença levemente maior de progressistas.

Esses dados podem ser explicados em parte por uma certa percepção entre os jovens de que os anos em que o Partido dos Trabalhadores (considerado à esquerda) permaneceu no poder federal (de 2003 a meados de 2016) não foi capaz de garantir direitos básicos, daí uma decepção e crítica geral à política institucional (Perez, 2019). Esse cenário de decepção e falta de garantia de direitos básicos favorece a aceitação de certo discurso das direitas conservadores de que elas são diferentes e têm práticas distantes da política parlamentar.

A constatação de que, entre os jovens, os conservadores são em sua maioria homens, pardos e de menor renda, não pode ensejar preconceitos. Na verdade, deve levar à reflexão sobre o porquê as ideias conservadoras avançaram entre eles, considerando que estamos tratando de um grupo mais sujeito a opressões sociais. Logo, devemos considerar que várias clivagens sociais dificultam o acesso a direitos por parte desse grupo mais conservador: ser jovem, preto e pobre.

3 Conclusão

A presente pesquisa investigou o comportamento político da juventude nas eleições de 2022, com objetivo de analisar o perfil do eleitor jovem conservador e progressista. Para este fim realizamos análises descritivas de dados do TSE e do *survey* ESEB, em sua aplicação de 2022. Como variáveis de análise foram consideradas: faixa etária, gênero, raça e classe social.

De modo a alcançar nosso objetivo, traçamos inicialmente um panorama do eleitorado jovem apto a votar a partir dos dados do Tribunal Superior Eleitoral. Para isso utilizamos o recorte etário: jovens entre 16 e 29 anos, adultos entre 30 e 59 anos e idosos aqueles com 60 anos ou mais. A partir disso foi constituído um quadro comparativo entre as diferentes faixas, explicitando os números absolutos do eleitorado e sua representação percentual.

Quanto às análises do perfil conservador e progressista, consituímos essas categorias a partir do junção de variáveis como religião cristã, ideologia à direita ou centro e contrariedade à legalização do aborto para delimitar conservadores. No polo oposto, consideramos como progressistas aqueles jovens que se autotransformaram como de esquerda e que concordaram total ou parcialmente com a legalização do aborto. Posteriormente, traçamos o perfil dos conservadores e progressistas considerando as diferenças em relação ao gênero, raça e classe socioeconômica. O objetivo central do trabalho foi mostrar as diferenças entre as juventudes.

Os resultados da pesquisa evidenciaram a relevância do eleitorado jovem para as eleições nacionais, explicando inclusive a aposta de tantas mobilizações na campanha eleitoral de 2022 para que os jovens de 16 e 17 anos tirassem o seu título de eleitor e comparecessem às urnas. Eles representam a fatia mais progressista entre os jovens e, portanto, poderiam de fato ajudar a eleger um candidato mais à esquerda. Mostramos também a tendência de que os indivíduos assumam posicionamentos mais conservadores ao longo da sua vida na medida em que envelhecem.

Comprovamos que o gênero das juventudes importa no seu posicionamento progressista ou conservador. Enquanto homens apresentaram-se mais próximos do conservadorismo, as mulheres posicionaram-se em maior número como progressistas. Explicamos esse resultado pelo avanço dos ideais feministas. Quando olhamos o critério racial, são os pardos que se posicionam mais como conservadores ante os brancos que são mais progressistas. Em relação à classe, os jovens da classe E demonstraram maior conservadorismo, enquanto o maior número de progressistas se situa nas classes B, C e D.

Em síntese constatamos que as juventudes são em sua maioria progressistas, principalmente entre os mais jovens, enquanto que entre aqueles que têm de 20 a 29 anos de idade a diferença entre progressistas e conservadores é menor. Quanto ao perfil, os conservadores são em sua maioria homens, pretos e mais pobres. Já as progressistas são em sua maioria mulheres e brancas. Chamamos atenção então para o avanço do conservadorismo entre grupos marcados por diversas clivagens sociais que levam a dificuldade de acesso a direitos. Nesse sentido, são necessárias políticas públicas que cheguem nesses jovens, homens, pardos e pobres para que os mesmos valorizem a presença positiva do Estado em suas vidas.

Para futuras pesquisas sugerimos estudos que considerem mais diferenças entre as juventudes, por exemplo considerando a perspectiva regional e territorial. Essas pesquisas podem ser conduzidas no sentido de observar padrões entre as juventudes conservadoras que impulsionem políticas públicas capazes de garantir direitos entre os jovens.

4 Referências

ARAÚJO, R. O. **Antipartidarismos e juventudes**: efeitos do ciclo de vida e do contexto político sobre a expressão de sentimentos antipartidários entre os jovens. 2021. 74 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

ARAÚJO, R. O.; PEREZ, O. C. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. **Estudos de Sociologia**, v. 25, n. 50, p. 327–349, 2021.

ARAÚJO, R. O.; PEREZ, O. C. Juventudes e Marcadores Sociais da Diferença nos Planos Estaduais de Juventude do Brasil. **Iberoamericana**, v. 23, p. 81-95, 2023.

CAVALLINI, M. **Proporção de pretos e pardos entre os pobres chega ao dobro em relação aos brancos, mostra o IBGE**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/11/11/proporcao-de-pobres-pretos-e-pardos-chega-ao-dobro-em-relacao-aos-brancos-mostra-o-ibge.ghtml>>. Acesso em: 8 fev. 2024.

CESOP - Centro de Estudos e Opinião Pública. Disponível em: <<https://www.cesop.unicamp.br/por/eseb/ondas/11>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CUNHA, J. F. **A ascensão da cultura pentecostal nas periferias brasileiras e a influência dos evangélicos na política**. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/566480-a-ascensao-da-cultura-pentecostal-nas-periferias-brasileiras-e-a-influencia-dos-evangelicos-na-politica>>. Acesso em: 8 fev. 2024.

G1. **Número de jovens de até 17 anos que tiraram título de eleitor cresce 45% de fevereiro para março**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/04/05/numero-de-jovens-de-ate-17-anos-que-tiraram-titulo-de-eleitor-cresce-45percent-de-fevereiro-para-marco.ghtml>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

FUKS, M.; MARQUES, P. H. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. **Opinião Pública**, v. 28, n. 3, p. 560–593, 2022.

LYNCH, C. E. C. Conservadorismo caleidoscópico: Edmund Burke e o pensamento político do Brasil oitocentista. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 100, p. 313–362, jan. 2017.

MANNHEIM, K. O pensamento conservador. In: MARTINS, J. S. **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, p. 77–131, 1986.

MELUCCI, A. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MERCADANTE, P. **A Consciência conservadora no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

NASCIMENTO, T. **Diferença de votos entre Lula e Bolsonaro no 2º turno é a menor desde a redemocratização do Brasil - Eleições 2022**. Disponível em:

<<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/pontopoder/eleicoes-2022/diferenca-de-votos-entre-lula-e-bolsonaro-no-2-turno-e-a-menor-desde-a-redemocratizacao-do-brasil-1.3295345>>. Acesso em:

7 fev. 2024.

PEREZ, O. C. Relação entre coletivos e as Jornadas de Junho. **Opinião Pública**, v. 25, n. 3, p. 577–596, 2019.

PEREZ, O. C.; MOURA, J.; BANDEIRA, C. Protests for Women's Rights and against the Bolsonaro Administration. **Latin American Perspectives**, v. 50, n. 1, p. 165-178, 2023.

PEREZ, O. C.; RICOLDI, A.M. A quarta onda feminista no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 31, n. 3, p. 1-13, 2023.

SANTOS, C. L.; SCHMIDT, J. P. Juventudes, eleições e partidos políticos: sub-representação de jovens nas eleições de 2010, 2014 e 2018. **Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas (UNIFAFIBE)**, v. 11, n. 1, p. 128–151, 5 jul. 2023.

SEVERO, R. G.; BARCELLOS, S. B.; GOMES, S. S. R. Confiança e socialização política nas mídias digitais perspectiva de jovens no ensino médio do Rio Grande do Sul. **Revista Diálogo Educacional**, v. 23, n. 76, p. 493–514, jan. 2023.

TAROUCO, G. D. S.; MADEIRA, R. M. Esquerda e direita no sistema partidário brasileiro: análise de conteúdo de documentos programáticos. **Revista Debates**, v. 7, n. 2, p. 93, 23 ago. 2013.

TSE. **Bora Votar! Conheça a nova campanha para o eleitorado jovem**. Disponível em:

<<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Setembro/bora-votar-conheca-a-nova-campanha-para-o-eleitorado-jovem>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

TSE. **Campanhas da Justiça Eleitoral contribuem para crescimento do voto jovem**. Disponível

em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Julho/campanhas-da-justica-eleitoral-contribuem-para-crescimento-do-voto-jovem>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

VOMMARO, P. **Juventudes y políticas en la Argentina y en América Latina**: tendencias, conflictos y desafíos. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Grupo Editor Universitario, 2015.

WELLER, W.; BASSALO, L. M. B. A insurgência de uma geração de jovens conservadores: reflexões a partir de Karl Mannheim. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 391–408, 10 jul. 2020.

Gender, race and class of young conservative and progressive voters

ABSTRACT: This research analyzes the profile of conservative and progressive youth, considering the differences between them. To this end, we systematized data from the TSE banks and the 2022 ESEB electoral survey, considering the variables: age group, gender, race and socioeconomic class. The results show that young people are predominantly progressive, especially among the youngest, although the percentage of conservatives is relevant. The latter deserve attention, as they belong to groups with more difficulty accessing rights, namely: men, mixed race and lower income.

KEYWORDS: Youth; Elections; Conservatives; Progressives.

Género, raza y clase de jóvenes votantes conservadores y progresistas

RESUMEN: Esta investigación analiza el perfil de las juventudes conservadora y progresista, considerando las diferencias entre ellas. Para ello, sistematizamos datos de los bancos del TSE y de la encuesta electoral ESEB 2022, considerando las variables: grupo etario, género, raza y clase socioeconómica. Los resultados muestran que los jóvenes son predominantemente progresistas, especialmente entre los más jóvenes, aunque el porcentaje de conservadores es relevante. Estos últimos merecen atención, ya que pertenecen a grupos con mayor dificultad para acceder a derechos, a saber: hombres, mestizos y con menores ingresos.

PALABRAS CLAVE: Juventud; Elecciones; Conservadores; Progresistas.